
O papel mediador da transversalidade para a educação empreendedora

The mediating role of transversality towards entrepreneurial education

MARIA DA CONCEIÇÃO MEDEIROS 

ALMIR MARTINS VIEIRA 

JOSÉ ALBERTO CARVALHO DOS SANTOS CLARO 

RESUMO

A compreensão das novas formas de trabalho e geração de renda, tornou-se fato importante para o entendimento dos modernos arranjos da sociedade relativos ao trabalho, ao ambiente das organizações e de seus colaboradores. Nesse contexto, este trabalho tem por objetivo analisar a inserção do tema empreendedorismo na formação de graduação superior tecnológica, por meio da transversalidade como metodologia de ensino. Dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, junto a professores coordenadores de projetos pedagógicos de uma Instituição de Ensino Superior de graduação tecnológica do estado de São Paulo, Brasil. Resultados apontaram que os pressupostos da educação empreendedora se apresentam como um caminho para responder às novas demandas advindas do setor produtivo e das novas relações de trabalho. A transversalidade é entendida e aceita como mecanismo de integração, configurando-se em uma metodologia viável para o desenvolvimento da educação empreendedora.

Palavras-chave: empreendedorismo; transversalidade; educação empreendedora.

ABSTRACT

The understanding of new forms of work and income generation has become an important fact for the understanding of the modern arrangements of society related to work, to the environment of organizations and their collaborators. According to this scenario, this article aimed to analyze the insertion of the theme entrepreneurship in the formation of higher technological graduation through transversality as methodological procedure. Data have been obtained by semi-structured interviews, and the participants were professors in charge for pedagogical projects of a higher public education institution of technological graduation of the state of São Paulo. Results showed that the assumptions of entrepreneurial education constitute an alternative path to respond to the new demands arising from the productive sector and new work relations. Therefore, transversality shows itself as a mechanism of integration, configuring itself in a viable methodology for the development of entrepreneurial education, however it was not possible to identify its applicability in the pedagogical practices of the units of Education of the institution. **Keywords:** entrepreneurship; transversality; entrepreneurial education.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do século XXI tem sido marcado por significativos processos de inovação e avanços tecnológicos, impactando sobremaneira as formas de produção e comercialização de bens e serviços (Daudt & Willcox, 2016). Relacionado a tais transformações, o movimento de globalização dos mercados trouxe ao cenário socioeconômico e político das últimas décadas, mudanças no comportamento e posicionamento da sociedade (Souza, 2012).

Nesse contexto, Dornelas (2018) destaca que conceitos de empreendedorismo, inovação e empregabilidade se associam a esse panorama e assumem relevância na interação com o indivíduo, expandindo-se a um estado reflexivo sobre desafios a serem traçados no âmbito das organizações e no futuro das profissões. Nesse cenário, cabe destacar os apontamentos contidos no relatório do Global Entrepreneurship Monitor - GEM (2017), no que diz respeito à perspectiva de redução do trabalho formal, considerando

que “a trajetória tradicional de um emprego estável, com jornadas regulares, um pagamento regular [...] não é mais uma opção para muitas pessoas”, sendo que este apontamento também tem relação com outra perspectiva vinculada às taxas de desocupação. Dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstraram que, no ano de 2018, a taxa de desocupação girou em torno de 11% da população ativa (IBGE, 2019), entre os quais nem todos os sujeitos em situação de desemprego apresentavam desqualificação profissional, embora não encontrando oportunidades nas atuais conjunturas de mercado.

Ocorrências dessa natureza ampliam as exigências para que os indivíduos desenvolvam sua empregabilidade, e indicam as ações empreendedoras como uma possível resposta para adaptação e inclusão à nova realidade, possibilitando alternativas para mudança individual e coletiva do status, atribuindo ao empreendedorismo relevância de caráter social (Rufín, 2017), desde que, como alertam Martins e Oliveira (2017), tal empregabilidade seja assumida como “competência empregatícia flexível”.

Tais circunstâncias impõem aos indivíduos a necessidade do desenvolvimento de um novo perfil profissional, tornando-se, segundo Dornelas (2018), essencial o aperfeiçoamento constante e evolutivo, que reúna conhecimentos interdisciplinares direcionados aos diferentes aspectos que envolvam a sociedade. Para os autores, deve-se considerar a aplicação de saberes sociais em diferentes esferas, buscando identificar uma melhor prática relacionada ao processo de aprendizagem e de formação do indivíduo, tornando-o apto a posicionar-se e atender às demandas impostas pela sociedade (Martins & Oliveira, 2017; Tardif, 2014).

Nesse sentido, o empreendedorismo apresenta-se como uma possibilidade para a empregabilidade, para geração de renda e para melhoria do status social, favorecendo a promoção de mudanças na situação local do indivíduo. A implementação da educação empreendedora, associada à educação formal, destaca-se como uma alternativa viável para o desenvolvimento de competências e habilidades empreendedoras, colocando o sujeito como agente protagonista do processo de aprendizado. Desta maneira, a busca por

metodologias e práticas parece ser caminho viável para elaboração de uma proposta de formação do sujeito empreendedor.

Segundo Machado (2010), o uso de uma nova metodologia contribuiria para a organização e oferta da educação empreendedora, facilitando o diálogo sobre os desafios presentes na elaboração de sistemas formativos orientados para formação integral do sujeito. Diante de tais recomendações, a transversalidade destaca-se como mecanismo de integração e metodologia adequada ao desenvolvimento da educação empreendedora.

1.1 Empreendedorismo

O empreendedorismo tem se destacado como tema central de estudos e discussões entre pesquisadores, organizações e governos, configurando-se em grande fenômeno socioeconômico ocorrido na virada do último século (Hahimoto, 2013; Schaefer & Minello, 2016).

Dada sua complexidade histórico-social, o empreendedorismo traz um conceito marcado por aspectos políticos e econômicos, figurando com maior ou menor intensidade nas diferentes estruturas da sociedade (Rufín, 2017), impulsionado por frequentes movimentos de incentivo e fomento à autonomia, protagonismo e geração de renda por parte do indivíduo (Hashimoto, 2013; Dornelas, 2018).

No cenário brasileiro, iniciativas do governo federal, com ações de incentivo e fomento ao empreendedorismo, como o Programa Brasil Empreendedor (1999) e o Programa Empreendedor Individual (2008), tendo o objetivo de “aumentar a consciência do empreendedorismo como uma possível oportunidade de carreira”, representando, segundo Croce e Kanaane (2017), “uma meta de desenvolvimento econômico e social em vários países”.

Em outros países há situações similares, como visto por estudo de Crespo-Martínez, Rosales-Moscoso e Contreras-Silva (2022), que identificaram os aspectos que motivam ou desmotivam um grupo de pessoas do Equador que deixam seu círculo de confiança para se aventurar em novas possibilidades, levando ao sucesso ou fracasso, com base em habilidades e projeções. Identificaram que os principais fatores são a ignorância do processo, habilidades e experiência empreendedora, dificuldade em acessar empréstimos financeiros, medo de falha e ignorância do mercado, além de aspectos legais e regulamentos financeiros.

Para Oliveira (2014), o empreendedorismo representa “um processo evolutivo e inovador das capacidades, habilidades e atitudes profissionais direcionadas à alavancagem dos resultados”, estruturando-se, segundo Schumpeter (1961, 1997), a partir do dinamismo e inovação de sujeitos, conduzindo o empreendedorismo a uma perspectiva econômica, direcionado a novas abordagens capazes de responder aos constantes movimentos no contexto mundial (Filion, 1999; Hashimoto, 2013; Vale, 2014; Dornelas, 2018).

Mas não se deve perder de vista possíveis falhas no decorrer do processo, como apontam Zapata-Molina, Montes-Hincapié, Londoño-Arias e Baier-Fuentes (2022), pois os empreendimentos latino-americanos têm altas taxas de falhas durante os primeiros cinco anos de operação, não conseguindo superar o chamado “Vale da Morte”.

Nesta perspectiva, a proposta de inserção do tema empreendedorismo na educação formal, apresenta-se como um caminho viável para formação do sujeito autônomo e capaz de produzir sua própria empregabilidade, conforme indicações de Dornelas (2018), que constam no Quadro 1.

Quadro 1. Recomendações para ação empreendedora

Desenvolver habilidades de liderança e conhecimento do mundo e do ambiente onde vivem para que consigam superar os desafios das próximas décadas
Enfatizar a educação empreendedora como parte chave da educação formal em todos os níveis.
Desenvolver o empreendedorismo como um tema transversal e não apenas uma disciplina.
Utilizar a interatividade como mote da pedagogia educacional, com foco na experimentação e na ação, e na análise e solução de problemas.
Ampliar o uso da tecnologia no ensino tanto para ganhar escala e aumentar a abrangência do tema, como para possibilitar a criação de material didático inovador e interativo.

1.2. Educação Empreendedora

O atual ambiente de inovações tecnológicas e mudanças ocorridas nos sistemas de produção, comunicação e comercialização de bens e serviços parece indicar cenário para incentivo da educação empreendedora, conforme destacam Freire (1996) e Delors (2012), quanto à importância de uma formação integral do sujeito, direcio-

nada ao desenvolvimento da autonomia e protagonismo do mesmo nos processos de aprendizagem. Ações dessa natureza favorecem o posicionamento desse indivíduo frente a diferentes contextos sociais, e quando relacionadas ao empreendedorismo, despertam a consciência de seu papel enquanto agente de mudanças da realidade individual e coletiva (Oliveira, Melo, & Muylder, 2016), sendo considerado por Araújo e Davel (2018) um “conteúdo-chave para formação do cidadão”.

A literatura científica sobre o assunto está em caminho de consolidação, como apontado pelos trabalhos de Brito, Kuniyoshi, Cappelozza e Vieira (2022), de Motta e Galina (2023) e de Zen, Kusumastuti, Metris, Gadzali e Ausat (2023). Diversas discussões, também, têm sido traçadas em torno da educação empreendedora e da organização de propostas que atendam seus pressupostos, tais como as indicações contidas no Parecer CNE/CEB nº 13/2010:

Sabedores que somos da importância da educação na promoção do desenvolvimento social e econômico de nosso país, ressalta-se a necessidade de se incluir a disciplina Empreendedorismo, de forma teórica e prática, no contexto escolar. Estimular o potencial empreendedor é firmar valores como a busca de oportunidade e iniciativa, a disposição para inovar e enfrentar desafios e riscos calculados, características de comportamentos tão exigidas atualmente, tanto para os que optarem pela futura abertura de um negócio, como para aqueles que buscarão uma chance no competitivo mercado de trabalho, colaborando, inclusive, para o surgimento de novos negócios e a geração de emprego e renda (Brasil, 2010).

Segundo Souza (2012), tal indicação configurou-se como um movimento introdutório do tema empreendedorismo na educação brasileira apontando que:

[...] é inegável o fato de que há um movimento de introdução do empreendedorismo como componente curricular na educação brasileira, tanto na educação básica quanto no ensino superior, no ensino privado e no público, como disciplina obrigatória ou como formação complementar, por meio de projetos como o da “pedagogia empreendedora”,

ou mesmo por iniciativas próprias dos gestores educacionais de redes e/ ou sistemas de ensino regular, público ou privado (Souza, 2012).

Esses apontamentos corroboram com os argumentos de Oliveira (2016), destacando que a possibilidade de integração do tema empreendedorismo aos currículos destaca-se “como uma disciplina de valor, principalmente no meio acadêmico”, representando uma possibilidade para a sociedade brasileira, como uma resposta ao movimento de mudanças e de globalização dos mercados, enfatizando que o desafio encontra-se na elaboração de programas nos quais as competências empreendedoras, os conhecimentos e as capacidades gerenciais ocupem destaque no processo de formação.

Segundo Araújo, Oliveira e Taveira (2011), as propostas devem representar oportunidades, considerando:

Competências e atributos pessoais empreendedores como a criatividade, a tomada de risco, ou uma atitude proativa no planejamento de carreira poderão ajudar os indivíduos a mais facilmente identificar e construir oportunidades educacionais e profissionais mais satisfatórias e concordantes com o sistema de valores e necessidades pessoais (Araújo, Oliveira, & Taveira, 2011).

Para Dornelas (2018), a necessidade do desenvolvimento de atribuições e atitudes empreendedoras requer um ambiente multidisciplinar e multicultural (Araújo & Davel, 2018), bem como uma atuação colaborativa dos agentes envolvidos no ensino e na aprendizagem, ampliando as possibilidades de práticas educacionais relacionadas a diversos contextos e cenários sociais, favorecendo o desenvolvimento de uma cultura empreendedora (Costa & Carvalho, 2011), colaborando com a organização de “uma escola democrática e participativa, autônoma e responsável, flexível e comprometida, atualizada e inovadora, humana e holística” como previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96).

Segundo Schaefer e Minello (2016) e Estival et al. (2018), a educação empreendedora caracteriza-se por particularidades distintas dos modelos tradicionais de ensino, sendo concebida na experimentação, contextualização e cooperação, a começar pela integração,

interdisciplinaridade e transversalidade do tema em relação às demais disciplinas do currículo nas diferentes etapas de ensino, configurando-se, conforme Hashimoto, Krakauer e Cardoso (2018), em “um desafio para educadores, pois o ensino exige o desenvolvimento do raciocínio e de habilidades empreendedoras, para que os alunos possam identificar e capturar a oportunidade certa”.

Tais considerações ajustam-se aos apontamentos de Schaefer e Minello (2016) quanto à natureza da educação empreendedora centrada no aluno, tornando-o protagonista de um método facilitado por um professor a partir de práticas vivenciais, interativas e dinâmicas, estabelecendo relação direta entre teoria e prática, entre a cultura e o ambiente real desse sujeito. Para os autores, a educação empreendedora caracteriza-se na interação e dinamismo das ações concebidas com vistas à formação integral, intensificando a proposta de uso da transversalidade no desenvolvimento do tema empreendedorismo inseridos nos currículos de diversos níveis da educação.

Destaca-se, na natureza da educação empreendedora, a ênfase no processo, fazendo-se necessário construir uma proposta direcionada à formação integrada, interdisciplinar e transversal, uniformizando os objetivos do ensino entre as mais diversas áreas e disciplinas do currículo.

1.3. Transversalidade

A indicação da transversalidade como proposta metodológica para o ensino de empreendedorismo é defendida por Verga e Silva (2014), tendo por objetivo propiciar a inserção e discussão de diferentes temas relativos a contextos e necessidades sociais. Os autores consideram-na um mecanismo de integração e desenvolvimento de diversos temas que permeiam o currículo em sua totalidade, apresentando-se como complemento da interdisciplinaridade.

Os temas transversais inseridos na educação a partir do ensino fundamental, refletem conteúdos de caráter social, tendo por finalidade trazer discussões relevantes à formação do sujeito, abrangendo a princípio temas como ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e diversidade cultural (Brasil, 1997).

Segundo Inoue (1999), os temas transversais foram estabelecidos com o propósito de tratar singularidades e questões de organização

de cada sociedade, manifestando-se em diferentes proporções, de acordo com a urgência da comunidade e do país. Pode-se encontrar nos documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s (1997), os fatores que influenciaram a definição de transversalidade: urgência social, abrangência nacional, compreensão da realidade e participação social.

Tais direcionamentos apoiaram o argumento de resignificação do ensino, conforme proposto na LDB (Lei 9394/96), sinalizando a necessidade de “favorecer o desenvolvimento de competências relacionadas ao conviver, relacionar-se com a natureza, construir e reconstruir as instituições sociais, produzir e distribuir bens, serviços, informações e conhecimentos”.

Para Prestini (2005), a transversalidade configura-se na oportunidade de se trabalhar a prática educativa do aprendizado teórico, relacionada ao aprender sobre a realidade dos fatos ocorridos, e a prática pertencente ao contexto de vida do sujeito, ajustando-se aos apontamentos contidos nos documentos dos PCN’s (1997).

Segundo Wenceslau e Silva (2017), alguns temas não deveriam ser inseridos no currículo em formato de disciplina, dada a abrangência e necessidade de enfrentamento de questões concretas relacionadas à realidade do sujeito. Para Delors (2012), não se pode esperar que competências relacionadas à formação integral sejam ensinadas em uma disciplina específica de uma área do conhecimento, destacando-se que a abordagem de determinados temas não se finaliza em uma disciplina, antes, por sua complexidade, requer uma prática que percorra os conteúdos das diversas disciplinas das áreas do conhecimento, conforme apontado na Resolução CNE/CEB nº 4/2010, posto que, de outra forma, reduziria a importância do tema, podendo assim, fragilizar o processo de formação integral. A referida resolução apresenta a seguinte apropriação da transversalidade:

§ 4º A transversalidade é entendida como uma forma de organizar o trabalho didático-pedagógico em que temas e eixos temáticos são integrados às disciplinas e às áreas ditas convencionais, de forma a estarem presentes em todas elas.

§ 5º A transversalidade difere da interdisciplinaridade e ambas se complementam, rejeitando a concepção de conhecimento que toma a realidade como algo estável, pronto e acabado.

§ 6º A transversalidade refere-se à dimensão didático-pedagógica, e a interdisciplinaridade, à abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento.

Assim, de acordo com Thadei (2006), a concepção de transversalidade mostra-se como uma alternativa para redução das distâncias na formação integral, enfatizando a dimensão social do ensino, voltado para a formação de atitudes e valores.

Considerou-se, para esse estudo, o tema empreendedorismo introduzido na educação profissional de graduação tecnológica, como uma abordagem interdisciplinar (Verga & Silva, 2014), de maneira a percorrer o currículo na sua totalidade de saberes, buscando possibilitar a construção de uma proposta que melhor atenda às características de uma educação globalizada e transformadora (Thadei, 2006), e que, segundo Morin (1999, 2003), configura-se em “uma reforma muito mais profunda e ampla do que a de uma democratização do ensino universitário e da generalização da condição de estudante”.

Assim, a transversalidade configura-se em uma metodologia viável para inserção de diversos temas relacionados à prática social, o que inclui o empreendedorismo, favorecendo a construção de saberes relativos às diferentes áreas do conhecimento e áreas específicas da formação profissional.

1.4. Formação Profissional e Tecnológica

Ao longo da história, o desenvolvimento da educação profissional tem sido influenciado por várias proposições e diretrizes, advindas principalmente da transição do modelo de produção artesanal para um modelo de manufatura originado na Revolução Industrial (Garcia, 2000; Vieira & Souza Junior, 2016). No Brasil, diversas iniciativas enfatizaram o desenvolvimento da formação profissional, destacando-se o estabelecido na Constituição de 1937, assumindo o trabalho como um dever social assegurado pelo estado (Brasil, 1937), estimulando a criação de um sistema de ensino com valorização da educação profissional (Manfredi, 2016). Em resgate

histórico anterior, Davini (1997) afirma que tais ações buscaram garantir a modernização, tanto no contexto social como no econômico, tendo por objetivos assegurar a qualificação e a inserção dos indivíduos nos postos de trabalho.

Com o intuito de aumentar a oferta de formação profissional e tecnológica, o governo autorizou, a partir do Decreto-Lei Nº 547 de 1969, o funcionamento de cursos superiores de curta duração. Especificamente no estado de São Paulo, unidade federativa onde trabalham os participantes desta pesquisa, foi criado, em 1969, o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, tendo como missão oferecer cursos superiores de tecnologia, contribuindo para a ampliação da oferta de formação profissional proposta pela União (CPS, 2014). Para Takahashi (2010), essas ações representaram uma resposta à crescente demanda do setor produtivo, ocorrida na década de 1970, motivando a oferta dos cursos superiores de tecnologia no sistema de educação brasileiro sendo, segundo a autora, estimulados pela “inovação nos processos produtivos”, passando “a requerer cada vez mais dos trabalhadores uma escolaridade básica acompanhada de contínua qualificação profissional”. É possível identificar, nos apontamentos do Parecer CNE/CP nº 29/2002, as expectativas em relação aos cursos superiores de tecnologia:

A nova educação profissional, especialmente em nível tecnológico, requer muito mais que a formação técnica específica para um determinado fazer. Ela requer, além do domínio operacional de uma determinada técnica de trabalho, a compreensão global do processo produtivo, com a apreensão do saber tecnológico e do conhecimento que dá forma ao saber técnico e ao ato de fazer (Brasil, 2002).

Para Manfredi (2016), tal abrangência da educação técnica e tecnológica originou-se a partir das alterações ocorridas nas noções de trabalho, que foram construídas e modificadas ao longo da história, cabendo ao governo propor um modelo de educação que se ajustasse aos novos modos de organização da sociedade, de distribuição de riquezas, bem como de geração de rendas (Vieira & Souza Junior, 2016).

Nesse sentido, a educação profissional assumiu responsabilidade na formação integral, habilitando o sujeito a atuar de maneira crítica, criativa, colaborativa e responsável por suas ações (Schwartzman, 2016), sendo, para Martins e Oliveira (2017), o “principal requisito para empregabilidade”.

Desta forma, propõe a inserção da educação empreendedora nos cursos de graduação tecnológica, parece ser uma alternativa viável para o desenvolvimento e qualificação de futuros empreendedores.

2. METODOLOGIA

Este estudo assumiu uma abordagem qualitativa, dada a perspectiva de se investigar dado fenômeno – a percepção sobre aspectos da educação empreendedora – de modo a aprofundar a análise e discussão temática a partir das relações sociais que se manifestam, conforme defendem Vieira e Rivera (2012).

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva. Para Gil (2008), as “pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias com o objetivo de proporcionar visão geral, acerca de determinado fato”, favorecendo as discussões sobre o tema apresentado para este estudo. Ainda segundo o autor, as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis”, ajustando-se aos propósitos que buscam reconhecer a transversalidade como mecanismo de integração para educação empreendedora.

Como instrumento de investigação, utilizou-se a entrevista em profundidade, baseada em roteiro semiestruturado. Segundo Lakatos (2003), “a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”, sendo essencial para identificação de diferentes práticas nas quais seus apontamentos ainda não se mostrem de maneira clara. O roteiro contemplou elementos relativos à “formação do sujeito empreendedor” e à “integração do conteúdo” ministrado, sendo esses elementos assumidos também como categorias de análise.

A pesquisa contou com a participação de 7 professores de ensino superior de graduação tecnológica que, além da docência, desempenham atividades relativas à coordenação de projetos relacionados à discussão, análise, reflexão e formulação de propostas pedagógicas e curriculares de graduação tecnológica do Centro Paula Souza, estando os participantes caracterizados no Quadro 2.

Quadro 2. Caracterização dos participantes da pesquisa

Titulação	Professores - Mestrado em: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Recursos Humanos ▪ Administração ▪ Gestão Pública ▪ Educação ▪ Ciências da Computação ▪ Têxtil e Moda 	Professor - Doutorado em: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Tecnologia Nuclear
Tempo de atuação (em anos)		
Mercado Tempo mínimo: 8 Tempo máximo: 41	Docência Tempo mínimo: 8 Tempo máximo: 33	Centro Paula Souza Tempo mínimo: 3 Tempo máximo: 33
Experiência Profissional (Área de atuação)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Área de Autopeças / Gestão da Qualidade ▪ Mercado Financeiro / Gestão de Indústria de Papel ▪ Gestão de Filial no Brasil (Empresa Multinacional) ▪ Gestão na área de Turismo, Hospitalidade e Lazer no mercado nacional e internacional (Brasil, Israel e Espanha) ▪ Gestão de empresas na área de Informática ▪ Empresas de Saneamento Ambiental ▪ Auditoria Interna em empresas do ramo hospitalar 	
Coordenador de Projetos (Função atual no CPS concomitante à docência)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Análise e Formulação de currículos. ▪ Capacitação / Formação continuada de Professores. ▪ BPM da Coordenadoria de Ensino Superior. 	

Atendendo solicitação dos participantes, preservou-se anonimato, sendo os mesmos identificados pela letra E (entrevistado).

Para análise e interpretação dos dados das entrevistas, assumiu-se a utilização da análise do discurso (Gil, 2008), permitindo a interpretação da posição narrativa do sujeito, sua construção e significação, contribuindo para construção da proposta deste estudo. A etapa de coleta de dados ocorreu entre os dias 03/10/2018 e 06/12/2018, sendo estabelecida a partir da disponibilidade de agenda

dos participantes. Utilizou-se um total de 7 horas e 20 minutos para o trabalho de coleta de dados.

O trabalho teve continuidade com a transcrição detalhada das narrativas, passando ao término das transcrições às análises dos dados, relacionando-os às categorias de análise propostas para o estudo, assim como as relações entre os relatos dos entrevistados e a teoria utilizada nesta pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico, optou-se por não segmentar os dados em dois blocos (a partir das duas categorias), pois tanto “formação do sujeito empreendedor” e “integração do conteúdo” se manifestam nas falas dos participantes com características interdependentes. Desta maneira, a transversalidade apresentou-se como um mecanismo de integração, podendo ser considerada como metodologia facilitadora para aprendizagem, tendo destaque nos apontamentos dos professores participantes da pesquisa, configurando-se como possibilidade para a educação empreendedora.

As discussões relativas ao tema empreendedorismo, assim como suas atribuições, são tidas como essenciais a todos os tipos de sociedade e de organizações (GEM, 2017), quando confrontadas com questões relacionadas ao contexto social, econômico e cultural, podendo identificar-se na percepção do entrevistado 7, a representatividade de valor social atribuído ao empreendedorismo:

E7 – [...], vários tipos de cursos trabalham o empreendedorismo, criatividade, processo criativo, tecnologia, porque é uma necessidade desse momento [...], na minha opinião o empreendedorismo, tanto como um fator social, como econômico, é muito interessante, hoje temos várias vertentes como empresas que são ligadas já ao empreendedorismo, estão voltadas a você ser empreendedor, e as disciplinas também [...]. Hoje vejo algumas características do empreendedorismo e um dos fatores que acho importante, é que ele trabalha a sustentabilidade, com a economia, com o social, os trabalhos hoje estão voltados para isso [...].

O caráter social apresentou-se como uma questão implícita ao tema e ao sujeito empreendedor, conforme observado na fala do entrevistado 3:

E3 - [...] é ser uma pessoa responsável com aquele lugar que você está, com as pessoas com quem você trata, tem toda uma questão social com a proteção do meio e do ambiente [...]. A questão do fator social fica implícita ao tema, uma vez que o aluno ou aquela pessoa que tem interesse em empreender desenvolve essas competências, ele consegue enxergar de outra forma esse mundo dos negócios e suas possibilidades [...].

Tais capacidades apontadas pelos entrevistados, relacionam-se às “chamadas competências sociais, produtivas ou de gestão”, mencionadas por Schwartzman (2016), trazendo a concepção de uma oportunidade para geração de ideias e ações que promovam mudanças significativas à realidade do sujeito (Rufin, 2017). Conforme o ponto de vista do entrevistado 5, tem-se um processo de adaptação aos desafios advindos das transições do mercado:

E5 - Da minha ótica, eu vejo que existe uma tendência muito forte em automação de processos, automação de fabricação, automação em termos gerais de serviços, e tudo que você possa imaginar, assim como aconteceu na Revolução Industrial, onde a mão obra teve uma diminuição ou substituição na carga horária diária de trabalho, nós estamos partindo para uma próxima etapa de diminuição de carga horária de trabalho, e isso na sociedade como um todo [...] onde não existe uma empresa que vai cuidar dos empregados, cada um vai ter a própria força de trabalho individual [...].

As mudanças descritas pelos entrevistados demonstram-se resultantes das circunstâncias socioeconômica, ambiental e cultural, ajustando-se a uma nova visão da sociedade, como apontado pelos entrevistados 4 e 7:

E4 - Se via o empreendedorismo somente para quem queria empreender em seu próprio negócio, e não esse empreender na vida, porque hoje, mesmo sendo funcionário se pode empreender, pode

se tornar um empreendedor e isso transformar sua carreira dentro do lugar onde se está [...], tem questões que hoje são importantíssimas, uma delas é o empreendedorismo, assim como as questões de sustentabilidade.

E7 – [...] hoje se vê algumas das características do empreendedorismo, e um dos fatores que acho importante, é que ele trabalha com a sustentabilidade, com a economia, com o social, porque você tem vários trabalhos hoje que são voltados para isso, o semestre passado tive uma experiência e fui fazer parte de uma banca, em uma instituição particular, onde se tinha trabalhos voltados para moda, e eles tinham o caráter, a característica de ter responsabilidade social, de ter a sustentabilidade, de mostrar a sustentabilidade do negócio [...].

As características descritas pelos entrevistados associam-se às alterações ocorridas sobre o conceito de empreendedorismo, considerado evolutivo e inovador, como argumentado por Oliveira (2014), carregado de intencionalidades, que na percepção do entrevistado 2, antes não eram compreendidas na abrangência do tema:

E2 – Então, à medida que você trabalha com o aluno, e esse adquire potencialidades e competências para entender e enxergar um negócio, em que ele possa ser dono, ou detentor de um produto ou serviço oferecido ao mercado, isso pode gerar uma ruptura na relação dele com a sociedade onde ele está inserido.

O desenvolvimento de potencialidades e competências leva a um movimento de alternativas, as quais podem promover novas situações à realidade do sujeito, tal qual indicam Martins e Oliveira (2017) e também observado no relato do entrevistado 2, estabelecendo a necessidade do indivíduo manter-se atualizado em relação a um cenário em constantes variações, cabendo análise e compreensão dos fatos, a fim de posicionar-se frente às mesmas, sendo percebidas pelos entrevistados 6 e 7 como uma atitude de estar aberto às novas possibilidades relacionadas às transformações ocorridas ao longo do tempo:

E6 – Tem que estar aberto a novas possibilidades e conhecer essas possibilidades [...] desde o começo ter essas cartas na manga [...] tem um leque de opções para um futuro incerto, que você não sabe o que vai acontecer.

E7 – [...] tenho uma visão de que o empreendedorismo é necessário, tanto é que, antigamente, não se tinha isso como disciplinas, e ele se transformou, nós temos algumas coisas que foram transformadas conforme houve a evolução da tecnologia e a evolução da administração.

Observa-se que o empreendedorismo traz a ideação de uma oportunidade, conforme sugerido por Rufín (2017), destacando-se como uma possibilidade de geração de ideias e de ações que representem conquistas à vida do sujeito, se apresentando como um meio de ajuste aos desafios impostos pelo mercado, como recomendado por Araújo, Oliveira e Taveira (2011), cabendo identificar a melhor prática para estímulo do sujeito empreendedor.

Nesse sentido, na percepção do entrevistado 3, a transversalidade configura-se como metodologia direcionada a temas de caráter social, voltada à problemática da sociedade, e para conjuntura econômica e cultural de cada tempo, levando a construção de saberes relacionados à realidade de vida de cada indivíduo:

E3 – [...] a transversalidade proporciona uma abertura de visão das pessoas, de conhecer o todo, trabalhar com o entorno da região onde ele está interagindo [...], acho que se a escola trabalhar bem com a transversalidade, irá aproximar os conteúdos das disciplinas que são ensinadas [...] às vezes, o aluno não se interessa por esse conteúdo, mas dependendo do que for desenvolver, ou empreender, ou trabalhar no futuro, ficará tudo mais fácil, se os conteúdos que a escola ensinar, conseguirem atravessar essa barreira mostrando os links de cada disciplina com o conteúdo geral.

Os relatos apresentados se referem às habilidades desenvolvidas pelos alunos, ampliando a capacidade de selecionar o que é relevante, questionar, construir hipóteses e de estabelecer relações com o grupo, conforme previsto nos PCN's (1997) e na LDB (Lei 9.394/96),

indicando um resultado satisfatório para aplicação da metodologia quando relacionada ao empreendedorismo, como apontado pelo entrevistado 1:

E1- [...] interessante que isso é trabalhado muito, mas somente no final do curso que o aluno já está maduro, quando consegue usar o que aprendeu, e pensar em possibilidades, em termos do que posso fazer para sociedade enquanto solução, e de repente essa solução dele ser inédito, então ele está sendo empreendedor.

O enfoque no empreendedorismo indica também necessidade de comprometimento de todos os responsáveis pela formação dos alunos, como percebido na fala do entrevistado 3:

E3 - a questão da transversalidade é essa, você tem que ter um time bom de pessoas trabalhando, de docentes trabalhando e todos comprometidos em chegar naquele mesmo lugar, porque a partida às vezes até boa, mas no caminho vamos perdendo algumas pessoas que não entram naquilo que precisam entrar então o ponto de chegada não é o mesmo para todos os alunos [...], há necessidade de trabalhar com o grupo docente para de fato poder explicar como essa transversalidade poderia acontecer, para os professores poderem enxergar como fazer, de forma que fique relevante para o aluno.

Objetiva-se então uma proposta de formação integral, visando capacitar o aluno a refletir sobre a realidade de mercado e das organizações:

E3 - Eu acredito que o empreendedorismo é o que traz todo um instrumental essencial para alunos de qualquer idade [...], no conjunto eles vão trabalhar as competências importantes para ser um bom empreendedor.

Todos esses apontamentos identificados na fala dos entrevistados expõem iniciativas de inserção do empreendedorismo na educação por meio de projetos integradores, ação que diverge das recomendações de Wenceslau e Silva (2017), Schaefer e Minello (2016) e Dornelas

(2018), que apresentam a transversalidade como mecanismo para inserção da educação empreendedora nos processos de formação. Assim, a validação de iniciativas voltadas ao empreendedorismo poderia facilitar o desenvolvimento de competências e habilidades, propiciando a formação de um novo perfil de profissional, considerado autônomo e protagonista, adquirindo, desta maneira, o autoconhecimento e a capacidade de aprender a aprender.

Essas relações de aprendizagem estão configuradas a partir de contribuições e de possíveis soluções para problemas advindos da realidade do sujeito, sendo indicadas como uma perspectiva primordial para formação do aluno de graduação tecnológica:

E3 – [...] a preocupação de falar sobre o empreendedorismo para o aluno de graduação tecnológica, que já é uma faculdade é o momento mais adequado [...] porque às vezes ele até já está no mundo do trabalho ou está buscando uma posição, e ao entender o empreendedorismo, a colaboração, vamos dizer assim, a flexibilidade toda do aprendizado, do que é o empreender, ele talvez consiga uma colocação mais rápida, ou ele mesmo já terá condições de empreender sozinho ou com um grupo de colegas.

E1 – todos os tecnólogos precisam ter essa visão de solução de problemas, seja para um produto, uma tecnologia, para criação de novos negócios, os cursos do eixo de gestão estão mais próximos pela busca da questão empreendedora.

Percebe-se, a partir do relato dos entrevistados, a importância da educação empreendedora no processo de formação do sujeito. Nesse sentido, o planejamento da educação assume um papel de suporte ao ato de empreender, como argumentado por Costa e Carvalho (2011), e observado na fala do entrevistado 2:

E2 – Deve-se pensar em todas as condições ideais para aquele tema ou aquela formação, no itinerário que se quer elaborar e entregar para o mercado ... quando você não tem nada, quando não se estabeleceu nenhum parâmetro, quando não se estabeleceu um roteiro sincronizado do que se deseja entregar, a probabilidade de ter erro é muito grande.

Assim, pressupõe-se que a formação empreendedora represente um meio para o enfrentamento da realidade que se apresenta, cabendo às instituições de ensino a estruturação de ações de planejamento e implementação de uma educação empreendedora capaz de favorecer o desenvolvimento de competências e habilidades esperadas para o século XXI.

CONCLUSÕES

A partir das observações e da análise dos dados obtidos por intermédio das entrevistas realizadas, identificou-se, no direcionamento dos objetivos e metas da instituição, a preocupação com a qualidade na formação dos alunos, direcionadas à atualização tecnológica necessária a responder às atuais demandas de mercado.

Pode-se perceber que, para todos os entrevistados, o empreendedorismo é visto como um fator de relevância social, sendo capaz de favorecer os processos de mudanças da sociedade e de adequações à nova realidade das relações de trabalho. Destacam-se a preocupação com a sustentabilidade das organizações na continuidade dos negócios, e com o meio ambiente onde o sujeito está inserido, alcançando o propósito de formação integral do cidadão.

Tais constatações evidenciam a importância da inserção da educação empreendedora na formação de graduação tecnológica, ações identificadas a partir da proposta de inserção dos projetos integradores nos currículos da instituição pesquisada.

Nesse contexto, a transversalidade manifestou-se nos achados da pesquisa, de forma similar ao que se vê nos trabalhos de Schaefer e Minello (2016) e Dornelas (2018), favorecendo a integração curricular, propiciando uma transformação no modelo tradicional de ensino, assim como nas relações entre professores e alunos quanto aos modos de ensinar e de aprender. Nessas circunstâncias, os projetos integradores poderiam validar-se e moldar-se aos pressupostos dos PCN's (1997), auxiliando no processo de formação integral do sujeito, suscitando a possibilidade de efetivação da educação empreendedora, considerada essencial para identificar oportunidades de mudanças no atual cenário de constantes transformações de um mercado globalizado.

Pode-se pressupor que a formação empreendedora se configure em uma tendência a ser desenvolvida pela instituição em todas as unidades escolares, tendo sua importância reconhecida pelos profissionais atuantes em projetos institucionais, demonstrando esforços para o atendimento às necessidades da sociedade, assumindo o compromisso com um modelo diferenciado de educação para o estado de São Paulo.

Assim, conclui-se que a educação empreendedora tem condições de propiciar um novo posicionamento do sujeito frente à sociedade, motivando-o a buscar melhores condições de vida, com base no conhecimento e no desenvolvimento de competências e habilidades adquiridas no processo de formação.

REFERÊNCIAS

- Araújo, A., Oliveira, I., & Taveira, M. C. (2011). O Desenvolvimento de Interesses e Competências Empreendedoras na Infância e Adolescência. In: Faria, L., Araújo, A., Morais, F., Sá, E. S., Pinto, J. C., & Silva, A. *Carreira, Criatividade e Empreendedorismo*. Braga: APDC.
- Araujo, G. F., & Davel, E. (2018). Educação Empreendedora, experiência e John Dewey. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, (12) 4, 1-16.
- Brasil. *Parecer CNE/CEB nº 13/2010*. (2010). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6552-pceb013-10&category_slug=agosto-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 17 de nov. 2021.
- Brasil. *Decreto-Lei Nº 547, de 18 de abril de 1969*. (1969). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del0547.htm>. Acesso 15 nov. de 2021.
- Brasil. *Parecer CNE/CP nº 29/2002*. (2002). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/superior/legisla_superior_parecer292002.pdf>. Acesso em 15 nov. de 2021.
- Brasil. *Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937*. (1937). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm>. Acesso em 30 de nov. de 2021.
- Brasil. *Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996*. (1996). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm>. Acesso em 01 de maio de 2021.
- Brasil. *Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília: MEC/SEF, 1997. (1997). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>. Acesso em 05 de jun. de 2021.
- Brasil. *Resolução nº 4 de 13 de julho de 2010*. (2010). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf>. Acesso em 30 de abr. de 2021.
- Brito, B. A. V., Kuniyoshi, M. S., Cappellozza, A., & Vieira, A. M. (2022). Determining factors of entrepreneurial intention: a study with entrepreneurs and potential entrepreneurs of the state of Acre. *Revista de Administração da UFSM*, 15(2), 290-310.

- Câmara de Educação Básica (CEB). *Parecer CNE/CEB nº 13/2010*. (2010). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6552-pceb013-10&category_slug=agosto-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 17 de jun. 2021.
- Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza - CPS. *Sobre o CEETPS*. (2014). Disponível em: <<https://www.cps.sp.gov.br/sobre-o-centro-paula-souza/>>. Acesso em 30 out. de 2021.
- Costa, M. T. G., & Carvalho, L. C. (2011). A educação para o empreendedorismo como facilitador da inclusão social: um caso no ensino superior. *Revista Lusófona de Educação*, 19, 103-118.
- Crespo-Martínez, P. E., Rosales-Moscoso, M. V., Contreras-Silva, C. A., & Bermeo-Samaniego, C. A. (2022). Variables que influyen en el emprendimiento en Ecuador. *UDA AKADEM*, 1(9), 110-141.
- Croce, E. F., & Kanaane, R. (2017). Empreendedorismo no Brasil: Tendências e Perspectivas com parcerias de Universidades com Incubadoras de Empresas. *Revista Sinergia*, (18) 1, 56-64.
- Daudt, G., & Willcox, L. D. (2016). Reflexões críticas a partir das experiências dos Estados Unidos e da Alemanha em manufatura avançada. *BNDES Setorial*, (44) 1, 15-45.
- Davini, M. C. (1997). Novas Tecnologias sociais, reforma educacional e formação docente. *Cadernos de Pesquisa*, (101) 1, 141-151.
- Delors, J. (2012). *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez.
- Dornelas, J. (2018). *Empreendedorismo, transformando ideias em negócios*. São Paulo: Empreende.
- Estival, K. G. S., Rosa, R. O., Corrêa, S. R. S., Andrade, J. C. P., & Procópio, D. P. (2018). Educação empreendedora e negócios sociais: estudo de caso da concepção à implantação da disciplina Negócios Sociais no curso de Administração. *Revista de Tecnologia Aplicada*, (7) 2, 16-34.
- Filion, L. J. (1999). Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração*, (34) 2, 5-28.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia*. Paz e Terra.
- Garcia, S. R. O. (2000). O fio da história: a gênese da formação profissional no Brasil. 23ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). *Anais...*, Anped.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas.
- Global Entrepreneurship Monitor - GEM. (2017). *Empreendedorismo no Brasil: Relatório Executivo 2017*. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20BRASIL_web.pdf>. Acesso em 26 mai. 2021.
- Hashimoto, M. (2013). *Espírito empreendedor nas organizações: aumentando a competitividade através do intraempreendedorismo*. São Paulo: Saraiva.
- Hashimoto, M., Krakauer, P. V. C., & Cardoso, A. M. (2018). Inovações nas Técnicas Pedagógicas para a Formação de Empreendedores. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, (12)4, 17-38.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2018). *Relatório 2018*. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/>>

releases/23466-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-11-6-e-taxa-de-subutilizacao-e-de-23-9-no-trimestre-encerrado-em-novembro-de-2018>. Acesso em 01 de out. de 2021.

Inoue, A. A. (1999). Temas Transversais. I Encontro de Integração da Educação Básica. *Anais...*, EIEB.

Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.

Machado, L. R. S. (2010). Organização da educação profissional e tecnológica por eixos tecnológicos. *Linhas Críticas*, (16) 30, 89-108.

Manfredi, S. M. (2016). *Educação Profissional no Brasil: Atores e cenários ao longo da história*. Jundiaí: Paco Editorial.

Martins, B. V., & Oliveira, S. R. (2017). Qualificação Profissional, Mercado de Trabalho e Mobilidade Social: Cursos Superiores de Tecnologia. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, (12) 2, 22-45.

Morin, E. (2003). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Morin, E. (1999). Da necessidade de um pensamento complexo. In: Martins, F. M., & Silva, J. M. (orgs.). *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Motta, V. F., & Galina, S. V. R. (2023). Experiential learning in entrepreneurship education: A systematic literature review. *Teaching and Teacher Education*, 121, 103919.

Oliveira, D. P. R. (2014). *Empreendedorismo: vocação, capacitação e atuação direcionadas para o plano de negócios*. São Paulo: Atlas.

Oliveira, A. G. M., Melo, M. C. O. L., & Muyllder, C. F. (2016). Educação Empreendedora: O Desenvolvimento do Empreendedorismo e Inovação Social em Instituições de Ensino Superior. *Revista Administração em Diálogo*, (18)1, 29-56.

Prestinin, S. A. M. M. (2005). *Transversalidade e Temas transversais na Formação Inicial do Professor de Matemática*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Rufin, C. (2017). *Criando negócios na base da pirâmide: oportunidades para empreender em mercados inexplorados*. São Paulo: Empreende.

Schaefer, R., & Minello, I. F. (2016). Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, (10) 3, 60-81.

Schumpeter, J. A. (1961). *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura.

Schumpeter, J. A. (1997). *Teoria do Desenvolvimento Econômico - Uma Investigação sobre Lucros, Capital, Crédito, Juro e o Ciclo Econômico*. Editora Nova Cultural Ltda.

Schwartzman, S. (2016). *Educação média profissional no Brasil: situação e caminhos*. São Paulo: Fundação Santillana.

Souza, S. A. (2012). A introdução do empreendedorismo na educação brasileira: primeiras considerações. *Educação & Linguagem*, (15) 26, 77-94.

Takahashi, A. R. W. (2010). Cursos superiores de tecnologia em gestão: reflexões e implicações da expansão de uma (nova) modalidade de ensino superior em administração no Brasil. *Revista de Administração Pública*, (44) 2, 385-414.

Tardif, M. (2014). *Saberes docentes e Formação Profissional*. Petrópolis: Vozes.

Thadei, J. L. M. (2006). *Temas Transversais e Letramento nas séries iniciais do ensino fundamental: para além da transversalidade temática*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Vale, G. M. V. (2014). Empreendedor: Origens, Concepções Teóricas, Dispersão e Integração. *Revista de Administração Contemporânea*, (18)6, 874-891.

Verga, E., & Silva, L. F. S. (2014). Empreendedorismo: evolução histórica, definições e abordagens. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, (3) 3, 3-30.

Vieira, A. M., & Rivera, D. P. B. (2012). A Hermenêutica no Campo Organizacional: duas possibilidades interpretativistas de pesquisa. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, (14) 44, 261-273.

Vieira, A. M. D. P., & Souza Júnior, A. (2016). A Educação Profissional no Brasil. *Interações*, (40) 1, 152-169.

Wenceslau, M. E., & Silva, F. C. T. (2017). Temas transversais ou conteúdos disciplinares? Cultura, cidadania e diferença. *Interações*, (18) 4, 197-206.

Zapata-Molina, C., Montes-Hincapié, J., Londoño-Arias, J., & Baier-Fuentes, H. (2022). El Valle de la Muerte de los emprendimientos: Una revisión sistemática de literatura. *Dirección y Organización*, 0(78), 18-30.

Zen, A., Kusumastuti, R., Metris, D., Gadzali, S. S., & Ausat, A. M. A. (2023). Implications of Entrepreneurship Education as a Field of Study for Advancing Research and Practice. *Journal on Education*, 5(4), 11441-11453.

Recebido em: 17-3-2023

Aprovado em: 18-12-2023

Avaliado pelo sistema double blind review.

Disponível em <http://mjs.metodista.br/index.php/roc>